



PORTO-LONGONE.

ELBA adquiriu em nossos dias grande celebridade pela temporaria residencia de Napoleão Bonaparte: contudo já na historia antiga tinha nome, e dos classicos romanos deprehende-se ter sido mui povoada. Esta ilha do Mediterraneo está tão proxima á costa da Toscana que apenas a separa o estreito canal de Piombino: a sua figura é bastante irregular e terá de comprimento 18 milhas, a largura varia muito, sendo a maior na parte do nascente de dez milhas, e na do poente de seis, ao meio é apenas de uma legua porque as costas, quer do norte quer do sul, são cortadas pelos golphos que formou o mar. As ribas das praias são em geral mui escarpadas, formando grande variedade de cabos que entram pelas aguas: o solo é montuoso, e as suas montanhas fazem uma vista magnifica contempladas de Leorne, que dista 50 milhas para o norte.—Em 1778 o numero dos habitantes não excedia a oito mil; actualmente orça por 13.500, incluindo tres mil que se contam em Porto Ferrajo, que é a capital da ilha, situada na costa do norte, com excelente porto defendido fortemente por duas cidadellas sobre um cabeço que o senhorea, e entre as quaes se vê o palacio onde habitou Napoleão, e que para o sul goza da bella vista da cidade, porto e montanhas, e ao norte descobre toda a costa d'Italia até as serranias de Lucca, e as ilhas no occidente: toda esta assomada, que é um promontorio, ou península, pedregoso, arrojado pela bahia dentro, é inteiramente sem arvoredo: a rocha, as casas, os bastiões, as muralhas que flanqueam as for-

tificações, é tudo tão branco que offusca os olhos; e o calor no verão seria quasi insupportavel se não fôra temperado pela viração maritima que refresca o ar. A cidade tem hospital e lazaretto: uma boa estrada, de mais de legua e meia d'extensão, feita por Napoleão, conduz de Porto Ferrajo a Porto Longone, que jaz na costa de leste em uma bahia mui cavada com bom ancoradouro, e tem seu castello n'uma eminencia ingreme, bem defendido: a cidade é pequena e numera perto de mil habitantes. Ha mais na ilha quatro povoações principaes.

Os elbenses são aferrados ao seu torrão natal; por necessidade como por escolha levam vida laboriosa; e passam, como os primeiros romanos, com igual actividade da cultura das terras para os campos militares: frequentes vezes repelliram os barbaros, que pretendiam subjuga-los ou roubar-lhes as seáras. Cada homem nasceu marujo, e a inhabilidade para remar e governar um bote é havida por grande vergonha: são em geral apaixonados pela caça, e dados a todos os exercicios varonis: commummente são de cabello preto, tez morena, phisionomia expressiva e olhar penetrante.—Um chapéu de palha tingida em preto, umas roupinhas brancas, e uma saia curta, ou encarnada ou azul, completam o traço das mulheres, e o additamento domingueiro consiste n'uma flôr, um laço de fita, anel desmesurado, enormes brincos nas orelhas, ao pescoço cordão d'ouro quasi sempre de muita liga. São boas mães, totalmente dedicadas a suas familias, cuidadosas e fieis no desempenho de to-

dos os seus deveres. — Este povo é sobrio, modesto, singelo e economico na mesa e nas casas, sem perjuizo do aceio, e sem quebra da hospitalidade. A dança é o seu mais estimado divertimento, mas carece daquella expressão de sentimentos, da viveza de movimentos e da variedade de attitudes que tão agradavelmente se manifestam nos camponeses dos estados romanos e de Napoles: até na estação das colheitas ha carencia de jovialidade; o trigo é ceifado sob o ardor do sol, e á tarde não se ouvem, como nas campinas da Toscana, a rebecca e o mandolino, que annunciam a terminação das tarefas do dia. Quando reina mais folgar é no tempo das vindimas. — A linguagem é nas palavras radicaes formada do dialecto toscano; outro entretenimento com que o povo muito se deleita é o da *improvisação*, isto é, as recitações em verso sobre qualquer assumpto dado, nos dias de festa (\*).

Pela natureza alpestre e escavada da maior parte da ilha ha poucas terras araveis e de pastagem; mas os outeiros inferiores, os valles e algumas pequenas veigas são plantados de vinhas, oliveas, amoreiras e outras arvores fructiferas; tambem produzem algum trigo e milho, hortaliças, e meloães. — É falta de lenha; o matto rasteiro escacêa pela mania das queimadas para rebentarem os pastos; todavia ha abundancia de sobreiros, e o mais consta de carvalheiras, medronheiros, murtas, e tojos. Acha-se profusão de hervas aromaticas de que os habitantes usam quotidianamente em seus manjares; e o ar embalsama-se com suas fragrancias e a vista regozija-se com a diversidade de suas flores: poucos sítios haverá mais propicios para enxames d'abelhas, mas os elbenses não curam muito das vantagens que desta criação lhes proviria. — Como as pastagens são diminutas é pouco o gado vaccum, mas de todo o mais ha abundancia; e os jumentos são as cavalgaduras e bêstas de carga usuaes, até para a conducção dos productos das minas de ferro; nisto seguem o costume de todas as ilhas montanhosas, como em o nosso archipelago dos Açores, e justificam o adagio de que — em caminho ruim o asno é a mais segura de todas as bêstas. — Encontram-se tambem gatos bravios e a sua historia é curiosa: em meio do seculo decimo-setimo foi devastada a ilha por uma praga de coelhos que não deixavam vingar as novidades; para obstar a tamanhos estragos soltaram pelos cantões mais assolados quantidade de gatos, que trouxeram de toda a parte; deram os caçadores cabo do maximo numero dos coelhos, mas agradou-lhes a independencia, e fizeram como os conquistadores, tomaram posse do terreno; e depois foi mister perseguir os gatos, que roubavam a criação domestica d'aves, como d'antes se procurava exterminar os coelhos que consumiam os vegetaes.

Elba é particularmente rica em mineral de ferro, que se excava na serra de Rio, da parte do oriente, no que se empregam 200 mineiros; e o mineral, do mais excellente e já explorado em tempo dos romanos, produz de 50 a 75 por cento de metal puro; mas por falta de combustivel é o mineral embarcado para o continente italiano, onde se depura, como no tempo em que Estrabão escreveu. — As outras produções mineralogicas d'Elba são pedras de cevar, pedra hume, vitriolo, e varios

marmores. As marinhas de sal tambem são rendosas.

Concluiremos com um bosquejo da historia da ilha. — Suppõe-se que Elba fôra primitivamente povoada por uma colonia d'etruscos, e depois occupada pela partida de gregos, que fundaram Marseilha na França. Cabiou subsequentemente em poder dos carthaginezes, e foi tomada pelos romanos durante a primeira guerra punica; já na segunda forneceu ferro para applicações militares e navaes, e foi tida na consideração de um dos estados que contribuíram para a salvação da republica: Ilvia era então o seu nome, postoque Estrabão a denomine Oethalia. Mais tarde, no conflicto entre Sylla e Mario, os adherentes deste ultimo abi se refugiaram, padeceu por consequencia a proscricção e devastações dessa epocha, das quaes não levantou cabeça dominando os romanos. Na idade media achamo-la reunida á commerciante republica de Pisa, sob cujos auspicios desfructou condição florecente em comparação ao antigo estado. Pela annexação de Pisa a Milão, Elba com Piombino e outros territorios da terra firme fôrmaram um pequeno principado que continuou por quasi dois séculos, postoque repetidas vezes occupada como estação militar por Carlos 5.º e seu alliado o duque de Toscana. Achando-se assim involvida nas guerras daquelle monarcha com a Porta e estados berberescos, Elba viu-se exposta ás incursões dos corsarios turcos: Barbarôxa a metteu a ferro e a fogo uma vez e Dragut por duas vezes; e levou muito tempo a restaurar-se de tamanhas assolaciones. Cabiou no dominio hespanhol reinando Philippe 3.º, que fez erigir Porto Longone como barreira contra os acommettimentos dos piratas. Depois de varias transferencias, o resultado foi asenhorearem-se em 1735 de Porto Longone o rei de Napoles e de Porto Ferrajo o grão-duque da Toscana. Elba continuou neste estado até a revolução franceza, e governo de Buonaparte: nesta epocha foi annexada ao novo reino d'Etruria e depois á França.

Abdicando Napoleão em abril de 1814, propoz Alexandre da Russia que conservasse aquelle o titulo de imperador, com a soberania da ilha d'Elba e uma dotação de seis milhões de francos paga pela França. Nisto concordaram a Austria, a Prussia, e depois a Inglaterra. A 20 d'abril Napoleão sahio de Fontainebleau para Frejus, e a 4 de maio embarcou n'uma fragata britannica para Elba. A sua curta residencia nesta ilha foi assignalada por obras publicas e melhoramentos de todo o genero, que beneficiaram muito o paiz, e que nunca tinham passado pela lembrança dos habitantes: nestes trabalhos occupou constantemente cinco mil homens com bons jornaes. Com sua presença e providencias deu novo estimulo ao commercio e industria dos insulares: o porto de Ferrajo atulhava-se de embarcações das diversas costas da Italia: tal era ainda o prestigio do seu nome que a nova bandeira d'Elba cruzava impunemente os mares mais infestados pelos piratas de Berberia. É sabido que Napoleão deixou a ilha em 26 de fevereiro de 1815 com mil homens da sua guarda antiga, que para alli o haviam seguido, e foi desembarcar em Cannes no 1.º de março. Não vindo a proposito tratar desta sua expedição e tentativa, finalisaremos dizendo que por occasião da segunda queda de Napoleão foi a ilha d'Elba cedida ao grão-duque da Toscana, e que sob o seu governo protector tem gozado prospero socego.

(\*) Vid. o improvisador napolitano a pag. 41 do vol. 1.º desta Serie.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

8.º

ESTAVAM com effeito na melhor casa que tinha a ermida, que era o refeitorio, o conde sentado n'uma cadeira de braços, cujo assento era de couro, e o respaldo forrado da mesma materia com labores e figuras representando uma caçada. Os tres monges cada um em seu tamborete de páu simples e tosco. No meio uma especie de banca pouco polida na sorte da madeira e lavor, e de todo nua. Sobre ella um crucifixo. Ao longo da parede uns armarios que diziam com a banca na feição e na pobreza. E em pé defronte do conde, em postura submissa com um rolo de pergaminho na mão, um homem calvo, baixo, grosso, barrigudo, que orçava pelos seus cinquenta, e a quem, apesar do ar reverente e humilde com que estava, o braço inferior um tanto levantado, o geito das sobranceiras, e outros signaes — delatores que nunca falham — davam certos fumes de importancia. [Se a tomava elle, ou se realmente a tinha, é questão em que me eu não quero metter: baste saber-se que aquelle homem era mossem Sueyro Gaindiz, o notario].

— Trazeis a escriptura que vos encommendámos, mossem notario? [lhe perguntou o conde].

— Deste pergaminho [lhe respondeu o notario, pondo o pergaminho sobre a cabeça, e appresentando-o depois ao conde com uma profunda reverencia] poderá vossa honra ver, mui magnifico senhor, se a obra é conforme os vossos desejos. Puz nella todo o fraco cabedal dos meus estudos e meditações, e não a tirei a limpo senão depois de ter bebido nas mais puras nascentes da latinidade, e de ter versado os mestres da jurisprudencia, e os meus proprios canhenhos com mão diurna e nocturna. — O conde pegou no pergaminho, desonrolou-o, lançou-lhe rapidamente os olhos, e tornou a entrega-lo ao notario, dizendo para este:

— Mossem Sueyro, lêde-o vós, que pelo que nos toca, confessámos não nos acharmos em estado de decifrar a vossa escriptura.»

E o notario tomando o pergaminho, e tornando a pô-lo sobre a cabeça, começou com outra reverencia a ler:

— *In Dei nomine. Nos, Ferdinandus Gundisalvus, comes regnans Castellæ et Alavæ. . . .*»

— Mossem notario [disse o conde para este, interrompendo-o na sua leitura], trocai em rimance o vosso latim, que as nossas occupaões não nos tem permittido applicar-nos a essa lingua, e as nossas orelhas estão desafeitas a outra que não seja a que fallam os nossos naturaes.»

Esta interrupção e advertencia, que provinha meramente da ignorancia do conde, e qual, como todos ou quasi todos os homens da sua classe naquella idade, não só não sabia latim, mas talvez apenas podesse soletrar o castelhano, atarantou o notario, tanto porque lhe frustava o prazer de ostentar alli a sua proficiencia n'uma lingua morta, como porque lhe parecia induzir menospreço do seu saber. E o conde que era muito perspicaz, e que percebeu muito melhor o despeito do que o latim do notario, antes que elle proseguisse, tentou consola-lo, dizendo-lhe:

— Mossem Sueyro, prezámos em muito os vossos

conhecimentos, e os nonnos desta casa, a quem é concernente essa escriptura, hão de certamente lê-la na lingua original em que está escripta, e dar testemunho do vosso engenho: mas como somos parte na mesma escriptura, precisámos saber o seu conteúdo, e ouvi-lo em linguagem que nos seja familiar.»

Então o notario, animado e até lisongeadado com as expressões cortezes do conde, começou a traduzir a escriptura:

— *Em nome de Deus. Nós Fernão Gonçalves, conde reinante de Castella e Alava. . . .*»

— Esperai lá, mossem notario [tornou a interromper o conde], não podemos consentir abi essa palavra «*reinante*» porque seria offensa aos direitos do nosso suzerano; e a nossa lealdade, graças a Deus, não foi nunca desmentida.»

Mas o notario, mais senhor de si depois dos elogios do conde, e sentindo-se agora collocado em melhor terreno, porque se não tratava da sua sãbença ou do seu latim, mas de um ponto em que se achava muito interessada a ambição de Fernão Gonçalves, e que era altamente plausivel ao amor proprio deste, não se deu por convencido, ou como se diz vulgarmente — não desceu da burra.

— Com permissão de vossa honra, mui excellente senhor [insistiu mossem Sueyro, reveesindo-se de um certo ar d'auctoridade, e conchegando com visiveis mostras de complacencia as roupas clericas de que nesse tempo usavam os individuos da sua profissão], a palavra «*reinante*» *regnans*, é a propria, a propriissima, e é indispensavel neste logar da escriptura; e cahe aqui tanto a ponto como o montante de vossa honra cabiu sobre a cabeça de al Mudhaffar. O notario Sueyro Gaindiz, o mais humilde dos vossos servos, jura pela cruz e pelo signal do seu officio, que aquella palavra é a expressão dos vossos direitos, e dos votos e clamores de todo o popular, nobreza e clero de Burgos, que não querem outro senhor senão o muito illustre e poderoso conde, Fernão Gonçalves.

— Mossem notario [respondeu o conde com semblante serio, mas de nenhum modo agastado], os votos da nossa leal cidade de Burgos, e de muitos logares do nosso condado tem chegado aos nossos ouvidos, e por isso vos dispensámos do trabalho escusado de ser seu interprete ante nós: se fôr cumprido ao serviço de Deus e ao de Castella, chamaremos concilio do reverendo bispo e abbades, e dos nossos proceres e nobres vassallos que nos illustrem em materia tão espinhosa: nem com razão nos hão de tachar de desattentos aos clamores dos nossos bons naturaes, se forem justos. Mas é questão essa que vos não toca, homem: respançai a palavra, que por agora, e attentas estas rasões, não póde ter cabimento na escriptura.»

Mas mossem Sueyro estava impertinente. E vendo que a recusa do conde era mais formalidade apparente do que repugnancia sincera, e que Fr. Pelayo lhe acenava com a cabeça em signal de approvação; cobrando de novo brios, — ainda que desalojado da posição juridica, — como homem de recursos, foi fortificar-se na litteraria e grammatical; e replicou:

— *Iterum Honori vestra veniam peto* — ainda outra vez, com venia de vossa honra, magnifico senhor, tomarei a liberdade de observar, que segundo os preceitos da rethorica do grande mestre Aristoteles, a auctoridade do nosso insigne conterraneo Quintiliano — *Quintilianus* — no seu tratado de *Ins-*

*titutione Oratoria* (\*) — da instituição oratoria; e ainda do preclaro Longino no seu tratado do—sublime, a palavra *regnans* — reinante — fica aqui mesmo ao pintar, quero dizer, arredonda a phrase, e não pode respançar-se sem prejuizo da elegancia, e sem desdouro do meu officio — *sine dedecore muneris*. *Præterea* — e demais, *favet etymologia* — temos por nós a etymologia. O participio *regnans* vem por linha direita do verbo «*regere*» que significa reger; e se eu mesmo, que sou um ninguém, rejeito ou governo em minha casa, que mal pôde haver em declarar que o preclarissimo conde, Fernão Gonçalves, rege ou governa em Castella? E que. . .

— E que o substantivo *comes* rege o genitivo *Castillæ* [interrompeu Fr. Pelayo].

— E que o substantivo *comes* [repetiu o notario, encantado de encontrar apoio em auctoridade de tamanha polpa] rege o genitivo *Castillæ*; como lembra muito bem o sabio monge, Fr. Pelayo, e a mim me tinha esquecido? Agora desafio eu [clamou mossem Sueyro enchendo as bochechas, e levantando a voz] todos os grammaticos e theologos de Leão, *quoscumque grammaticos aut theologos fuerint in regno Legionis*, que me achem cousa que mereça a mais leve critica na palavra «*regnans*.»

— Basta, basta! Estamos completamente convencidos com as vossas doutas considerações [exclamou o conde, que depois da vassallagem do seu suzerano, aquillo de que desejava mais ver-se livre era da erudição de mossem Sueyro]. Fique a palavra, visto que é innocente, como monumento da vossa sabedoria; e continuai a ler-nos a escriptura.»

Mossem Sueyro continuou a ler, sem ser outra vez interrompido, a escriptura; a qual rezava de uma ampla doação que o conde fazia á ermida de varias rendas e terras—da villa de Contreiras—e de todos os mananciaes em redor daquelles montes. Sómente, quando o notario chegou ao passo em que se fallava dos *mananciaes*, Fr. Pelayo, que os considerava pertença antiga ou direito da casa, e que nesta parte entendia ser a escriptura uma confirmação meramente; pediu a mossem Sueyro que lhe lesse o original. Então mossem Sueyro leu com muita enfase as palavras: *cum suis antiquis productibilibus aquis*—e Fr. Pelayo inclinando a cabeça, e movendo os olhos e os beiços com aquelle geito admirativo que indica mais que approvação, disse para o notario:

— Excellentemente, mossem Sueyro! não ha nada que desejar, e nem eu mesmo poderia zelar melhor os direitos d'esta ermida do que vós o fizestes n'essa escriptura. Fico formando um alto conceito da vossa latinidade.

— Excellentemente! [exclamaram, imitando a Fr. Pelayo, Fr. Arsenio, e Fr. Sylvano]. E mossem Sueyro, inchado como um chicharo, estava que não cabia na pelle. Para remate da sua gloria veio a approvação do conde.

— Muito bem, muito bem [disse este] agrada-nos o vosso trabalho, mossem Sueyro; vamos assignar a escriptura.

Então o conde assignou, e depois os monges confirmaram a escriptura, porque esta resava, entre outras clausulas, a que elles se obrigavam, a de

(\*) Ainda que o manuscrito de *Institutione Oratoria* que immortalizou o nome de Quintiliano, só no anno de 1419, se pôde dizer, foi descoberto por Pogge na abbadia de Saint-Gall, seja-nos licito commetter este anachronismo, e anticipar a bagatella de cinco seculos em honra da espantosa erudição de mossem Sueyro.

seguir a regra e observancia monastica de S. Bento. Escusada na verdade parecia ella para religiosos que a executavam com o maior escrupulo e rigor, empregando de dia seis horas ou na cultura da terra, ou em algum trabalho manual, tres nos exercicios espirituaes, e outras tantas nas refeições e repouso, e as doze restantes da noite repartindo-as entre o somno, as orações, e a meditação. Obedientes a este santo instituto, o seu alimento ordinario eram raizes, legumes e frutas: carne só a provavam em algum dia de festa; e até dostres copinhos de vinho que lhes permitia o mesmo instituto, como parte da sua ração, se abstinham quasi sempre. O linho estava prohibido n'aquella casa sagrada: as vestes dos tres solitarios eram de sarja grosseira, como que estranhando as pompas do mundo: as camas duras, e mais duras e severas as disciplinas com que castigavam asperamente algum—mui raro—pensamento que os vinha distrair das contemplações do céu. Sobretudo eram os peccados do seculo, que elles procuravam apagar no sangue e na penitencia propria. Mas se a condição era superflua para os presentes, para os que viessem depois podia ser necessaria. E como tal a mandou exarar o conde, o qual pelas attribuições que mesmo em materias religiosas competiam n'essa epocha ao supremo poder temporal, estava auctorizado a pratica-lo assim.

Perfeita a escriptura, o conde brindou com uma bolça bem recheada de soldos ao notario, que se despediu com muitas reverencias.

— Agora [disse o conde para Fr. Pelayo] vou entregar-vos em deposito o estandarte que arvorei em Osma.» E mandou que o trouxessem os homens de armas que o tinham conduzido de Burgos para alli. Era uma cruz, mui veneravel, de seis palmos de altura, de madeira coberta de prata, e filigrana prateada e doirada. No meio tinha outra cruz com o Christo cravado com 4 cravos, estribando os pés em um troço de madeira. E era uma imagem de N. Senhora chamada *das batalhas*, que o conde levava tambem ás campanhas; de bronze dourado, com esmaltes. Estava a Virgem sentada [de altura teria uma terça] com o menino Jesus no braço esquerdo, tambem sentado sobre os joelhos da mãe. A Senhora sustentava na mão direita um sceptro rematando em umas como folhas de alcaxofra, e na cabeça uma corôa esmaltada. O menino tinha outra corôa do mesmo artificio: e os olhos de ambos brilhavam com grande viveza e magestade. A cadeira, em que a Virgem estava sentada, era quasi de quarta de altura pelo respaldo, e pelos lados mais baixa, com uma balaustrada mui curiosa, e quatro globos em remate; e estava toda mui ricamente esmaltada. Aos lados se viam dois santos de mais de seis dedos de alto com roupastalares, e por detraz um Relicario alto de 5 dedos, largo de seis, e dois e meio de fundo. Na porta, mui bem esmaltada, apparecia S. Pedro, de meio corpo, com as chaves. A peanha era de meio dedo de grossura, toda ella com esmaltes, e em redor uma fieira de globos de bronze de meio dedo de altura. Era neste Relicario, que o conde levava as Formas consagradas para commungar elle e os seus cavalleiros antes de entrarem em batalha (\*).

Depositados estes sagrados penhores sobre o altar da ermida, entregou o conde a Fr. Pelayo um co-

(\*) Vid. Flores, Hespanha sagrada, tom. 27, pag. 150—151.

fre de ferro, bem recheado de moedas de oiro e prata, com estas palavras:

— Aqui tendes bem com que começar a edificação do mosteiro. Mas nesta montanha não vejo sitio, nem espaço accommodado para elle; onde hade ser, Fr. Pelayo?»

— Vou mostrar-vo-lo [lhe respondeu o monge]. E levando o conde a uma janella da ermida, apontou para baixo, lá no fundo do despenhadeiro, onde estava entre montanhas uma quebrada estreita que dava passagem ao Arlança; e disse:

— O mosteiro hade edificar-se alli em baixo á margem do rio. As aguas servirão para um moinho, e para regar algumas arvores e sementeiras: e a soledade do ermo cercado por toda a parte de montes que não deixam avistar o povoado, convidando á oração, erguerá os pensamentos dos monges para a patria celestial, que é o termo appetecido do trabalhoso peregrinar da vida. [E dizendo isto, o veneravel ancião levantava vagarosamente os olhos e os braços para a morada eterna, que era o alvo continuo de seus fervorosos votos; e lagrimas não ardentes como as que brotam as paixões, mas doces e consoladoras porque nasciam da esperança, lhe regavam aquellas faces, onde a idade, a meditação e a penitencia tinham cavado profundos sulcos. Então o conde todo commovido, travou-lhe do braço, dizendo:]

— Assim seja. Alli se edificará o mosteiro, e vós, meu bom amigo, sereis o seu primeiro abbade. E que o primeiro sacrificio incruento que com essas mãos sagradas celebrardes naquelles altares, seja pela independencia e a gloria desta nobre terra de Castella!

— Dispensai-me desse onus [lhe respondeu Fr. Pelayo]: não me arranqueis do meu retiro. Aqui serenei as tormentas deste coração, que Deus sabe com quanta violencia suspirou pelos prazeres e os tumultos do mundo. Aqui vi desmaiar e escurecer, uma a uma, as côres do prisma seductor que na mocidade nos captivam tanto. Aqui se me apagaram os ardores, se me murcharam as verduras da juventude, se me povoou de caãs e desenganos esta cabeça. Aqui me nasceram estas rugas, e me começou este velho corpo a pender para a terra que o hade receber; e no lugar onde até hoje encontrei descanso, o acharei em quanto durar a vida, o encontrarei ainda depois da morte!» E em quanto assim fallava, havia no gesto e no accento do monge um não sei que presago e prophético; mas ao mesmo tempo triste.

Quando acabou de fallar cahiram-lhe os braços e a cabeça sobre o peito, e ficou assim um espaço em recolhimento e silencio. E o conde tambem estava tocado de melancholia. Eis que sentem um sussurro, e estrepito de passos pela montanha: eram os bésteiros e homens d'armas que partiam. E logo em seguida ouvem-se as vozes alegres daquella multidão, entoando a copla patriótica:

Harto era Castilla,  
Pequeno rincon,  
Quando Amaya era cabeza,  
Y Fitero el mojon.

Então o monge, como que despertado do seu lethargo pela magia daquelles sons, ergueu subitamente a cabeça, e travando do braço ao conde, disse para este com enthusiasmo inexplicavel:

— Conde soberano de Castella, cantemos ao Senhor, porque fez victoriosas as armas desta terra heroica!

— Cantemos! [lhe tornou o conde extremamente agitado].

— Irmão Arsenio, irmão Silvano [continuou Fr. Pelayo, bradando pelos dois monges], vinde acompanhar-nos.»

Os monges correram logo a este brado; e Fr. Pelayo começou a entoar com os dois companheiros e o conde o cantico de Zacharias: *Bemdito seja o Senhor Deus de Israel, &c.* Os soldados que desciam, ouvindo e percebendo aquella harmonia, interromperam a copla, e entraram a repetir em devoto accordo o cantico religioso. E as vozes alternadas daquelles dois coros retumbaram pelos echos da montanha. O ar estava tepido, a atmospha serena, o horisonte clarissimo, os raios do sol, quasi a pôr-se, batiam sobre a janella da ermida, e sobre a face magestosa do conde e o semblante inspirado de Fr. Pelayo, e avermelhavam de rosicler as cumiadas da serra; e os que cantavam na eminencia da montanha, e os que descendo modulavam, repelindo accordemente os sons que de cima vinham, pareciam enlevados e arrebatados do mesmo extasi. Uma cadêa sympathica prendia em volta de um pensamento commum a todas aquellas almas. E a mais cara affeição do homem — o amor da patria — se estava alli exprimindo na mais sublime linguagem — a musica — associada ao sentimento mais forte e mais profundo da creatura — a religião! Quando os ultimos raios do sol desmaiarão, e desapareceram; quando o crepusculo veio circumdando os cabeços das serras; quando as sombras descerao sobre a montanha; quando de todo se enneoaram e se sumiram os horisontes, e a noite desdobrou por toda a extensão dos céus o seu manto recamado e brilhante — ainda os echos traziam á ermida o cantico dos soldados, e levavam aos soldados as harmonias da ermida. Foram manso e manso affrouxando e quebrando-se os sons, e quando de todo expiraram, ouviu-se então o clangor bellico das trombetas, e o rolar marcial dos tambores. Ainda que traduzido n'outra lingua, era sempre o mesmo sentimento manifestado pela viração da noite a quem podia ouvi-lo e entendê-lo. Ouviu-o e entendeu-o o conde de Castella, e foi nelle tamanho o abalo que levou a mão á cinta como procurando a espada, e sómente tornou em si, quando viu que estava sem ella. Sentiu-o o monge Pelayo; e aquelle corpo velho queria rejuvenecer com transportes de mancebo. Commoveu-se Fr. Silvano. Fr. Arsenio estremeceu: não era de enthusiasmo, mas de susto e de terror, que o toque de trombeta lhe causava sempre; e áquella hora sobretudo lhe parecia um annuncio vago e sinistro, de que sentia a impressão, sem poder explicar a origem.]

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

#### ESTUDOS MORAES E POLITICOS D'UM VELHO MINISTRO D'ESTADO.

Da temperança e sobriedade, e do philosopho italiano  
Luiz Cornaro.

SOBRIEDADE, no sentido proprio, significa a temperança, ou uso moderado das bebidas. No sentido figurado é uma expressão equivalente d'abstinencia, reserva, ou moderação até no uso das melhores cousas; por exemplo: o que dizia S. Paulo = *Cumpre*

*ser prudente com sobriedade* —, pois quando se passa a medida, e o limite da razão, ou do dever, a virtude deixa de o ser, e converte-se em vicio.

A razão, e a philosophia, a sciencia medica, a experiencia propria e alheia, o exemplo da longa vida dos penitentes, e dos anacoretas, apesar de suas privações e austeridades, e de outras pessoas sensatas, que por meio da temperança, e da regularidade chegaram a uma idade provecta, tudo nos convence e persuade que para viver longa vida, ou ao menos com a melhor saude ou menor padecimento possivel, é mister ser sobrio ou temperado, isto é, evitar o uso ou abuso dos alimentos e bebidas, que por qualidade, ou quantidade podem alterar a saude do corpo, ou prejudicar o uso da razão, e a pratica da virtude, que é a saude d'alma.

No artigo *moderação* inserido no Panorama N.º 111 mostrámos em geral, as vantagens que resultam desta virtude, assim como os inconvenientes, que provém do vicio opposto. Agora recommendámos novamente a pratica da virtude da temperança offerecendo na vida e escriptos do celebre philosopho Luiz Cornaro, natural de Veneza, um exemplo precioso, e digno de imitação.

Luiz Cornaro na sua mocidade havia arruinado a saude pelo uso excessivo da comida e de bebidas espirituosas, e sendo *accommettido* de gotta, colicas frequentes, e outros graves incommodos, os medicos o declararam em perigo de perder a vida, e decidiram que para a prolongar cumpria fazer o contrario do que até então havia feito, e resolver-se a viver com temperança, e sobriedade. — Seguiu Luiz Cornaro exactamente o tratamento e regime, que lhe prescreveram os medicos, e ao cabo d'um anno achou-se restabelecido. Fazendo então sérias reflexões, em vez de tornar aos antigos excessos, resolveu-se tomar os habitos de uma vida regular, temperada e sóbria; e esta prudente e louvavel resolução, que sustentou com admiravel perseverança até o fim da sua vida, o fez chegar com saude até a idade de noventa e oito annos; e a sua morte, que teve logar no anno de 1565, foi tão tranquillada como tinha sido a sua vida depois que tomou a deliberação ou determinação de viver com toda a moderação e sobriedade.

Na idade de oitenta e seis annos era ainda vigoroso e agil; dava largos passeios a pé; subia a lugares altos; montava a cavallo sem auxilio de ninguém; estudava habitualmente; compoz uma engraçada comedia, e o seu interessante livro intitulado *Discorso sulla vita sobria. Discorso sobre a vida sobria*, onde conta o seu modo de viver, e a parcimonia do seu alimento, pois em pão, carne e caldo não empregava maior quantidade do que doze onças, em rasão de sua idade provecta, reconhecendo todavia que um moço póde alargar-se mais na quantidade, com tanto que não se esqueça do proverbio — *fallar e comer pouco não faz mal a ninguém*. Na idade de noventa e cinco annos ainda escrevia pela sua mão o seguinte: *Sinto-me tão sadio, fresco e contente como nunca. Como com appetite, e durmo com socego. Não conheço differença na aptidão de nenhum dos meus sentidos*. Naquelle mesma idade ainda era util á sua patria ensinando a formar diques para conter o mar, e a conquistar terrenos inundados para serem cultivados. Applaudia-se de haver ensinado á sua familia como ella podia enriquecer-se por meio de trabalhos ou obras agricolas; e bem assim de haver conservado a vida e a saude a muita gente pela sua constancia em prégar e per-

suadir a temperança e a sobriedade com o seu exemplo e com a sua penna.

Um dos amigos de Luiz Cornaro dava conta dos ultimos dias deste sabio nos seguintes termos:

«Aquelle bom velho, sentindo-se approximar ao termo da vida, fallava desse transito como se fosse mudar-se d'uma casa para a outra. Assentado na cama ao lado de sua mulher chamada Veronica, e quasi tão velha como elle, escrevia conselhos e consolações a um amigo, e fallava-lhe da morte, que considerava proxima, sem se assustar ou affligir. Cuidou então queteria ainda dois dias de vida, mas sentindo-se desfallecer pediu novamente os auxilios da religião, e fitando os olhos em um crucifixo, dizia «ó meu Deus, eu vou em paz e cheio de esperança apresentar-me á vossa infinita misericordia. Encostando-se então como quem queria descansar, um leve suspiro annunciou aos seus amigos que elle os havia deixado para passar a melhor vida.»

Para conservar a saude, e prolongar a vida, a temperança e a sobriedade do sabio Luiz Cornaro nos offerece um exemplo assaz digno de imitação; e para morrer em paz e tranquillidade de consciencia assim como elle morreu, o meio certo é viver desde os primeiros annos do modo que na ultima hora cada um quizera ter vivido sempre.

\*

#### ADVERTENCIA.

Apresso-me a reparar um erro que commetti por inadvertencia na minha carta de 5 de dezembro proximo passado, e que se estampou no N.º 106 do Panorama publicado em 6 de janeiro de 1844. Por equivocação citei o classico padre Manuel Bernardes quando queria dizer *Ferreira*, pois este é que diz no livro 1.º, carta 12 a Diogo Bernardes

*Deixa só madurar o doce fruto*

*Um pouco: deixa a lima contentar-se,*

*Inventa e escolhe então o melhor do muito.*

Filippe Ferreira de Araujo e Castro.



OS FRECHEIROS.

ANTONIO de Sousa de Macedo no cap. 21.º da *Eva e Ave* attribue, segundo auctoridades antigas, a invenção do arco e settas aos povos assyrios. Certo é que ella data de remotissimos tempos; lemos na sagrada Biblia [Genesis cap. 21 v. 20] fallando-se de Ismael filho de Abraham — «E foi Deus com o ra-

paz; e cresceu; e habitou no deserto e foi tirador de arco.» Já no versículo 16.º, avaliando-se distancia, se diz — «E foi-se, e assentou-se em frente, afastando-se tanto quanto um tiro de arco &c.»

Na mythologia grega achámos Apollo armado de arco e frechas [Homero. Iliada 1.º — 45] e Hercules segundo a descripção do mesmo inclito poeta [Odissea. 11.º — 606]. Conclue-se que tambem os escriptores prophanos confirmam o antiquissimo uso destas armas: são igualmente as mesmas que a navegação europea tem encontrado nos povos selvagens d'Africa e d'Asia. — Nos ultimos tempos do poder militar da Grecia os archeiros ou bésteiros formavam parte das tropas ligeiras, e do mesmo modo os saggittarios nas hostes romanas: todos eram atiradores de setta. — Na idade media, antes e ainda depois da invenção das armas de fogo, houve differença entre o arco chamado direito, e o arco encurvado que era instrumento muito aperfeiçoado. — A respeito dos bésteiros, suas differenças e modo de serviço em Portugal consultará o leitor o primeiro vol. da 1.ª Serie a pag. 219.

#### NOTICIAS HISTORICAS SOBRE O COMMERCIO PORTUGUEZ.

Nós já dissemos em alguma parte de nossos escriptos que a meia idade tem sido muito calumniada. Costumaram-se os homens a chamar seculos barbaros áquelle longo periodo que decorre desde a invasão dos povos do norte no principio do 5.º seculo até ao renascimento das lettras no 1.º quartel do seculo 15.º; e como se o mundo tivesse parado no seu movimento, ou como se a intelligencia humana houvesse feito pausa em sua vida espirital, dispensam-se da enfadonha tarefa de penetrar por entre as trevas, e saltam assim por cima d'um dos periodos mais curiosos e interessantes da historia do genero humano, aquelle que apesar de sua bruteza e rusticidade, encerra em seus acontecimentos o principio e origem de tudo o que somos, o germen e embrião da civilisação de que gozamos.

Felizmente que as proposições absolutas, os dogmas universaes em materias positivas estão hoje desacreditados; o exame e analyse tem substituido o empirismo da velha eschola: ninguem crê hoje somente pela auctoridade dos outros em sciencias que dependem de raciocinio e combinação; e por este methodo melhor justiça é feita.

Já hoje sabemos que a meia idade não foi tão apagada de luzes que se não conservassem por entre a escuridão de sua rudeza os albores que mais tarde accenderam o facho das sciencias. O clero catholico, principalmente o regular não foi tão somente o guarda ou depositario das lettras, como levemente se diz: ahi está o seculo d'Alfredo em Inglaterra, o de Carlos Magno em França, e a collecção dos concilios, ou antes assembleas nacionaes de Tolédo para darem um solemne *desmentido* aos dogmatistas de que fallámos acima.

Applicando estes principios ao nosso Portugal, não só costumam priva-lo de toda a cultura scientifica, e artistica nos primeiros seculos da monarchia, mas o consideram engolfado exclusivamente nas guerras de mouros, e outras com as potencias vizinhas, occupado apenas por intervalos na cultura da terra. O commercio, esta poderosa alavanca da riqueza e da civilisação é representado, no pensar commum, como limitado ás mesquinhas e domesticas transacções interiores de povo a povo, e

essas mesmas entorpecidas pela legislação prohibitiva e fiscal dos costumes feudaes, e assim mesmo reduzidas pela maior parte aos generos de primeira necessidade. Nós reconhecemos em verdade mui pequeno adiantamento das noções geraes do commercio, assim como o estreito campo em que as circumstancias peculiares de quasi todas as nações europeas consentiam que elle fosse exercitado: entretanto preciso é reduzir as cousas ao seu verdadeiro ponto de vista, e vindicar para o nosso paiz, e para os dignos regedores que elle teve desde o seu berço como estado independente o quinhão de gloria e de merecimento que lhe coube entre as demais potencias neste ramo em particular. Para maior clareza dividiremos em epochas os periodos commerciaes portuguezes, e apontaremos algumas noticias historicas que dêem alguma idéa do seu estado d'atrazo ou adiantamento. Já se vê que não podem ser mais do que traços geraes accommodados á natureza deste escripto: outra penna com mais vastos e individuaes subsidios appresentará algum dia trabalho mais completo.

#### *Primeira epocha, desde o conde D. Henrique até D. Affonso 3.º inclusivamente.*

Quando Portugal foi dado em dote á rainha D. Thereza, os portos do reino chegavam sómente até á foz do Mondego, porque tudo o mais para o sul era mourisco. O commercio maritimo devia ser quasi nullo, assim porque a quietação e estabilidade dos povos era e havia sido mui precaria com as invasões sarracenas, como porque os feros normandos assoberbavam os mares e costas de Portugal e Galiza. Arte que exige a segurança e desafogo da paz não podia existir no meio de uma população mal estabelecida, apenas sabida da dependencia do reino de Leão, e occupada em contínuas guerras. As escassas noticias desse tempo nos não apontam vislumbre de commercio externo: alguma navegação haveria nos muitos portos que tinha o nosso littoral, maiormente na provincia d'Entre Douro e Minho; mas não é possível determinar-se o seu emprego commercial. O Nobiliario do conde D. Pedro, referindo o successo da batalha do campo de S. Mamede junto a Guimarães, dada pelo infante D. Affonso Henriques ao partido estrangeiro que apoiava a regencia de sua mãe, diz que, ficando esta e seu segundo marido o conde D. Fernando prisioneiros, mandára este para fóra do reino *por mar*.

Do tempo d'elrei D. Affonso Henriques temos a tradição historica consignada nas chronicas das navegações e successos maritimos de Fuas Roupinho, que a final foi morto no combate do Estreito com os marroquinos. E de crer é que uma nação, senhora já do grande porto de Lisboa, capaz de equipar armada para combater sarracenos, se não descuidaria de transacções commerciaes com os estrangeiros, que conheciam já muito bem os seus portos, como o demonstram as duas armadas de cruzados que iam á Palestina e que vieram descansar ou refrescar ao Tejo.

Em tempos de seus successores, Sancho 1.º, Affonso 2.º e Sancho 2.º, iguaes exemplos de navegação provam que o ramo naval não havia sido desprezado. O primeiro daquelles soberanos conquistou Sylves ajudado por outra armada de cavalleiros do norte que demandavam o porto de Lisboa: Affonso 2.º conquistou Alcaer do Sal, assistido d'outra semelhante armada; e Sancho 2.º, quando tomou as

primeiras praças do Algarve que conservámos [porque Sylves se perdêra no anno seguinte em que foi ganhada], mandou por mar uma frota que apoiasse suas operações terrestres.

Com o governo, porem, do illustre conde de Bولonha aquelles começos ou ensaios maritimos e commerciaes tiveram notavel incremento. Havia elle residido por alguns annos na Flandres franceza, paiz essencialmente maritimo e negociador; e instruido nas vantagens desta arte deu grande impulso em Portugal ao commercio tanto interior como externo. Começou por estabelecer as feiras e mercados publicos em muitas terras do reino, e fixando sua côrte em Lisboa, que engrandeceu e augmentou em povoação, procurou attrahir os mercadores e especuladores estrangeiros, e dar-lhes em troca os generos do paiz. Pelos raros documentos coevos que nos restam desse tempo, por passagens derramadas nos livros de sua chancellaria, apenas podemos indicar que o sal, fructa e vinho eram os generos com que ordinariamente faziamos frente aos pannos e outros artigos industriaes que nos vinham então de França e Italia, de Flandres e Inglaterra.

Possuimos porem um documento importantissimo para a historia do commercio estrangeiro d'importação, que deu á luz João Pedro Ribeiro nas suas *Dissert. Chron. e Crit.* tom. 3.<sup>o</sup> append. n.<sup>o</sup> 21 a pag. 59. É uma tabela ou pauta em que aquelle soberano taxou, segundo as idéas do tempo, varios artigos de industria e commercio, datado da era de 1291, escripto em latim. Este documento é uma preciosidade não só em relação ao commercio, mas para a historia dos costumes e usos contemporaneos. Por elle se póde avaliar o grande impulso dado n'um ramo de tal transcendencia, que forçosamente supõem um notavel adiantamento na industria do paiz que devia fazer a balança commercial.

*Segunda epocha desde elrei D. Diniz até elrei D. João 2.<sup>o</sup> inclusivamente.*

O soberano que mais promoveu a agricultura e a população do reino, o plantador das sciencias pela criação da universidade não podia esquecer-se da navegação e commercio nacionaes. Com effeito a tradição constante, e algumas memorias antigas que restam dos registos das alfandegas ao norte e sul do reino, nos asseguram que nos tempos d'elrei D. Diniz exportavamos trigo; e este artigo junto aos outros que apontámos do sal, fructa e vinho deram tal incremento á navegação portugueza que o mesmo soberano para defendê-la fez vir de Genova o almirante Peçanha com tripulação capaz de estabelecer escola de marinha de guerra, como se prova da carta de contracto que vem no 1.<sup>o</sup> tom. das *Provas da Hist. Geneal. do P.<sup>o</sup> Sousa*. Desde então ficou a descendencia do genovez na posse e exercicio do commando das gallés, que então eram os vasos guerreiros.

Desde então até aos primeiros annos do governo d'elrei D. Fernando continuou uma serie de governos afortunados em que o commercio prosperou a par dos outros ramos da riqueza publica. D. Affonso 4.<sup>o</sup> foi o primeiro soberano que voltou suas vistas para as navegações de leste; mandou uma armada ás ilhas Canárias, e se intitidou senhor das ilhas Fortunadas, um seculo antes do que João de Bettencourt as visitasse. Este successo é caracteristico, e demonstra o adiantamento naval dos portuguezes n'uma epocha em que esta sciencia jazia

geralmente atrazada. O curto, mas venturoso, reinado d'elrei D. Pedro 1.<sup>o</sup> devia augmentar o giro commercial, que muito se alimenta da paz. Os immensos thesouros que este soberano juntou procediam em grande parte da dizima das mercadorias que passavam nas alfandegas do reino.

O chronista Fernão Lopes nos deixou em poucas regras registo desta prosperidade commercial, assim como nos explicou o segredo das riquezas dos reis nesse tempo. — Elrei D. Fernando, diz o citado chronista no cap. 2.<sup>o</sup> da de D. João 1.<sup>o</sup>, começou a reinar o mais rico rei que em Portugal houve até seu tempo; cá elle achou grandes thesouros que seu padre e avós guardaram... Alem disto havia elrei em cada anno de seus direitos reaes oito centas mil libras que eram 200:000 dobras, a fóra a renda da alfandega de Lisboa [que uns annos por outros rendia de 35:000 a 40:000 dobras] e do Porto. E não vos maravilheis disto, e de ser muito mais; cá os reis ante elle tinham tal geito com o povo que era forçoso serem todos ricos, e os reis haverem grandes e grossas rendas; cá elles emprestavam sobre fiança dinheiro aos que carregar queriam, e haviam dizima duas vezes no anno de retorno que lhe vinha: e visto o que cada um ganhava deixava do ganho logo a dizima em começo de paga, e assim não sentindo pagavam pouco e pouco, e elles ficavam ricos e elrei havia todo o seu. Havia outros mais [mercadores] em Lisboa, estantes de muitas terras, não em uma só casa, mas em muitas de uma nação, como genovezes e prantis, e lombardos e catalães d'Aragão, e de Majorca e de Milão, e Corcús, e biscainhos e assim d'outras nações, e estes faziam vir e enviavam do reino grandes e grossas mercadorias; em guiza que sómente de vinhos foi um anno achado que se carregaram 12:000 toneis, a fóra o que levaram depois os navios na segunda carregação de março. Jaziam por isso diante da cidade 400 e 500 navios de carga; e estavam carregando já no rio de Sacavem, e á ponta do Montijo da parte de Riba Tejo 60 e 70 navios em cada logar tomando sal e vinho: e pela grande espessura de muitos navios que assim jaziam diante da cidade, iam as barcas d'Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre elles. —

*(Continuar-se-ha).*

*J. da C. N. C.*

Os HOMENS recommendam e inculcam seus vicios por virtudes; o avarento se diz economico, e o prodigo liberal.

Abstemo-nos muitas vezes de investigar as causas dos nossos males pelo receio de achar-nos culpados reconhecendo que os havemos merecido.

O egoismo é mal succedido nos seus calculos e esperanças: não sabe avaliar a resistencia que necessariamente deve encontrar, referindo tudo a si, e prescindindo dos interesses dos outros homens.

Os ricos affectam de pobres para não serem importunados, os pobres de abastados para alcançarem credito e confiança.

Juizo é a intelligencia pratica e experimental que nos faz conhecer e alcançar os bens e evitar os males da vida.